



A luta para não voltar ao pó

O professor, de Cristovão Tezza

Roy David Frankel*

A narrativa factual de *O professor* é relativamente simples, o que não impede que Tezza, através de um arguto domínio da forma, transforme o romance em obra de profundidade singular. O livro relata a história de Heliseu, docente de 70 anos, no dia em que se fará na universidade uma homenagem por sua carreira acadêmica. Acordando de um pesadelo, o vemos pensando e construindo o discurso que deverá pronunciar na cerimônia, ato que estabelece o eixo em torno do qual se desenvolve toda a narrativa. Espiral de finíssima espessura, o romance avança a pequenos passos enquanto Heliseu mergulha no terreno de seu passado.

Professor de Filologia Românica, campo visto com maus olhos pelos colegas, Heliseu da Mota e Silva relembra seu casamento crescentemente inosso com sua esposa Mônica, bancária, a paixão por sua orientanda de cama e gabinete, a francesa Thérèse, a relação com seu rígido e inominado pai, seu momento turbulento no seminário, seu filho Eduardo, homossexual, com quem tem profundas dificuldades de se relacionar, entre outros fatos inicialmente dispersos mas conectados pouco a pouco, graças ao gesto explorador de

* Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Heliseu. O ato de memória é construído como uma exploração de um terreno desconhecido em dia de densa neblina, uma cortina de fumaça, um véu que oblitera todos os fatos da vida do personagem.

O gesto da memória em Tezza se insere em um paradigma autoficcional, colocando-o ao lado de escritores como Gustavo Bernardo e Evandro Affonso Ferreira, para citar apenas alguns brasileiros contemporâneos. Nesse paradigma, temos um romance pós-moderno marcado por narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a que instância enunciativa responde, conforme pontua Eurídice Figueiredo.

O professor tem momentos com um narrador em terceira pessoa e outros em primeira, sem uma marca que os delimite, e as memórias são entrecortadas em uma instabilidade constante, liquefeita. Entretanto, dois elementos particularizam o gesto de memória: em primeiro lugar, o gesto mnemônico atribuído a Mônica (paronomásia não sem querer) é amalgamado à narrativa, em uma recorrente vinculação a eventos da história recente; em segundo lugar, é feita uma mimese do gesto filológico de Heliseu através de uma proliferação de citações recontextualizadas do português arcaico, o que nos aproxima ainda mais do pensamento desse personagem instável, como por exemplo ao se envolver com Thérèse, quando ele se lembra dos versos de Brás da Costa: “Senhora, gentil donzela, / por meu mal fostes naçyda; / pois vos hys para Castela, / que seraa da minha vyda?”.

A manhã na qual se passa todo o romance é temporalmente especificada através da manchete do jornal lido por Heliseu: “Bento 16 renuncia; novo papa deve ser escolhido até a Páscoa”, o que nos permite facilmente descobrir quando ele é encenado – essa é a manchete do jornal *Folha* da terça-feira, dia 12 de fevereiro de 2013.

Essa notícia é problematizada diversas vezes pelo personagem, pois “Se Deus não existe, tudo é permitido”, máxima de Dostoiévski citada ironicamente com *apud* pelo próprio Heliseu. Interessante essa problematização do divino, presente também na personagem Dona Diva, nascida Divina, empregada do professor que se mostra como uma presença constante em toda a narrativa.

Heliseu é um Raskólnikov pós-moderno: por mais marcado pela culpa cristã que ele possa ser, paira em sua história um crime misterioso cuja real ocorrência é mantida em suspenso por toda a narrativa. Sua lembrança é alternada com a descrição de sua relação com Thérèse, cujo caráter idílico minimiza sua própria culpa. A fragmentação pós-moderna é tamanha que não existem mais os fatos como outorgantes de verdades. Eles mesmos podem ter ou não ocorrido, pois a memória é falha em sua própria constituição, e Tezza mantém a dúvida com uma escrita envolvente que, como uma cebola, vai tirando camadas e nos faz querer chegar ao centro.

A visão religiosa de Heliseu é mais um de seus aspectos conservadores: “A religião controla as pessoas: isso é bom”, disse Heliseu a Mônica, mostrando um tradicionalismo presente também em sua aversão à homossexualidade do filho ou no fato de não ser linguista, mas sim filólogo – “Pai, você é o depósito de todos os preconceitos do mundo”, disse-lhe o filho. O *pathos* trágico da narrativa de seus posicionamentos e memórias é alternado com comentários irônicos e com a onomatopeia “ehh”, marca da oralidade que permite um retorno a um registro menos formal.

Mais do que a ironia, o não-dito é outro tema presente, sendo a gramaticalização do não-dito no português brasileiro e as raízes da ambiguidade os temas centrais da tese de doutorado de Thérèse. Esse é um dos elementos metaficcionalis do romance, presentes também, por

exemplo, em Heliseu dando aulas de literatura do português arcaico e afirmando seguidamente que “as palavras são como as moedas, só valem as que são correntes”. Essas questões nos levam naturalmente a pensar sobre qual seria o grande não-dito do romance, qual seria a grande expressão buscada por esse narrador de focalização móvel entre a primeira e a terceira pessoas: “Senhores, as coisas são palavras”.

Enquanto a construção do discurso a ser proferido na cerimônia é o eixo narrativo principal, o motor é explicitamente a busca de sentido da vida. Apesar do recorrente retorno a fatos da história recente do Brasil, esse não é um romance em que a sociologia e a historiografia prevaleçam, mas sim uma profunda marca existencial.

Após o término de seus casos amorosos, por motivos mais trágicos ou menos trágicos, o professor afirma que havia vivido vinte anos de coisa nenhuma, uma grande anomia lhe percorre o fim de vida. A dimensão social da velhice – “aquela sutil fronteira do tempo em que a vergonha, o sexo, até mesmo o pudor desaparecem” – lhe traz a consciência de simplesmente se transformar em um *ser*.

Existencialmente, a busca de sentido se dá através do enfrentamento da morte, da superação da angústia proveniente desse momento fulcral da consciência de si. Negro anjo, ele está presente quando Heliseu repete que “é importante se ocupar”, questionando o que será de sua vida após essa homenagem, esse acerto de contas, um “pré-juízo final” que marca o encerramento de sua vida acadêmica e amorosa. Essa problematização é um forte indício de que a grande sombra não dita abertamente mas presente através de todo o romance é a fuga do esquecimento, pois o esquecimento é a vitória definitiva da morte.